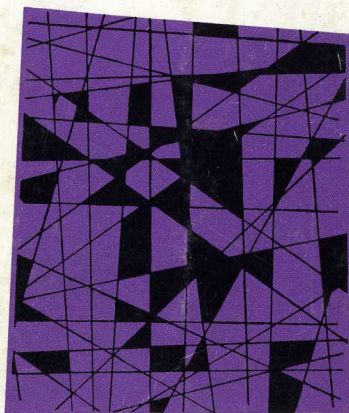


BRANQUINHO DA FONSECA



**TEATRO**



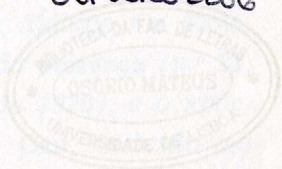
portugalia

BRANQUINHO DA FONSECA

# TEATRO

com um prefácio de  
LUIZ FRANCISCO REBELLO

uf 2206



PORTUGÁLIA EDITORA | LISBOA



## PREFÁCIO

### I.

Quando Branquinho da Fonseca publicou, em Novembro de 1928, no n.º 16 da **presença**, o «drama em um acto» A Posição de Guerra, a sua obra literária restringia-se a um volume de Poemas, editado em 1926. Duas outras breves experiências teatrais — o diálogo Os Dois, publicado ainda nas páginas da **presença** (n.º 23, correspondente a Dezembro de 1929), e o «poema em um acto» Curva do Céu, incluído no primeiro (e único) número da revista Sinal, que fundou em 1930 com Miguel Torga, após a cisão aberta na frente «presencista» — precederiam os contos de Zonas (1931) e os poemas de Mar Coalhado (1932). Nos dois últimos anos da década de 30 as suas atenções dividir-se-iam ainda entre a ficção novelesca e a ficção dramática: aos contos de Caminhos Mag-

néticos (1938) seguir-se-ia imediatamente um volume de Teatro (1939), tal como aqueles publicado sob o pseudónimo António Madeira; além do «poema» Curva do Céu, cujo texto original sofreu ligeiras alterações, compreendia esse volume uma «parábola em nove quadros», A Grande Estrela, o «apólogo em um acto» Rãs, também designado como «episódio de circo», e Quatro Vidas, «apontamento para uma peça». Mas, daqui em diante, o labor literário de Branquinho da Fonseca orientar-se-ia exclusivamente pelos caminhos da novelística: O Barão em 1942, reunido três anos depois aos contos de Rio Turvo, duas incursões porventura menos afortunadas nos domínios do romance em 1947 e 1952 (com A Porta de Minerva e Mar Santo), e um regresso «em grande forma» ao conto, em 1957, com as nove histórias de Bandeira Preta — último livro que, até à data, publicou. Assim, parece que a partir dos anos 40 Branquinho abandonou — definitivamente? — o teatro (ou foi o teatro que o abandonou a ele? mas essa é uma questão a que adiante havemos de voltar). É certo que na lista das suas obras «a publicar», que figurava na edição de Mar Coalhado, se indicavam um «melodrama em três actos», O



Passo, e um «drama em um acto e um intervalo», Paralelas — que, se acaso foram escritos, nunca chegaram a imprimir-se. E na lombada — mas não já no frontispício nem tão-pouco nas páginas de rosto — do volume de 1939, ao título Teatro acrescentava-se um I que, até agora, não teve continuação...

De sorte que a obra dramática do autor de O Barão — se abstrairmos da versão teatral que desta novela empreendeu Luís de Sttau Monteiro em 1964 — se resume a seis peças, cinco em um acto e uma sexta, a «parábola» A Grande Estrela, de mais largas dimensões; mas é extremamente breve a acção de cada um dos nove quadros que a compõem, chegando mesmo alguns deles (como o segundo e o último) a reduzir-se a uma única réplica. Veremos que esta brevidade, esta concisão, este esquematismo, que se verificam a diversos níveis, tanto conceptionais como estruturais, implicando-se mutuamente aliás, caracterizam e definem o teatro de Branquinho: a designação que ele deu a um desses textos — «apontamento para uma peça» — poderia generalizar-se a todos os demais. O seu teatro é, antes, o «apontamento para um teatro». Que, por causas extrínsecas a ele, esse teatro não